



O Gaiato



Visto pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 106
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
20 de Março de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

Entrou o FAMOSO nos cinco

Era para ter sido a festa no número anterior. Nessa data precisa é que o jornal completou os cinco anos. Devia ter sido então, sim, mas nada se disse, porquanto eu decidi calar-me. Para quê falar? Para quê falar eu d'aquilo que o mundo fala — o famoso?

Mas os administradores não foram da mesma opinião. Veio aqui uma comissão, Avelino à frente, pedir qualquer coisa especial *Ao menos a côr. Côr encarnada.* Dei-me por convencido e disse que sim. Mal saí a comissão, oiço fora da porta uma grande bulha. Era acerca da côr. Não estavam d'acôrdo. *Azul é que deve. Azulzinho.* Naquele momento não compreendi, mas logo dei por ela. E' a bola. A côr dos clubes. Cada um tem a sua paixão. Tudo acaba na bola aqui em casa. Exemplo: A nossa escola de canto tem duas vozes. Ambas elas são primorosas. Na capela, são escutadas religiosamente e cá fora, discutidas segundo a bola: *ganhou a segunda!* Pois vai a côr azul. Eu cá não sou de nenhum clube, não tenho paixões nem compromissos.

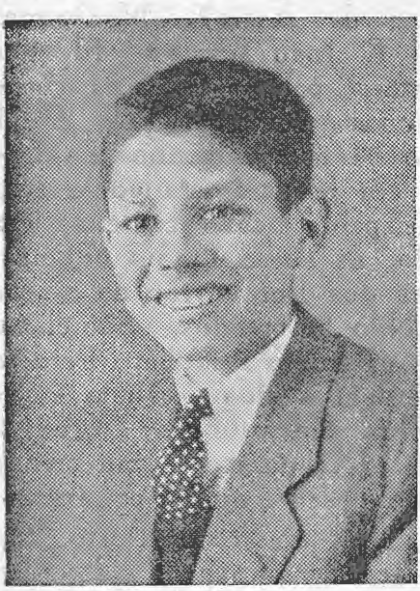
Uma vez que se faz a festa, é preciso que os leitores entrem nela com uma bicicleta para uso exclusivo dos redactores. Eu não quero abusar; não peço um Jeep, como fêz descaradamente o Padre Adriano. Não senher. Sou mais comedido. Uma bicicleta. Uma bicicletezinha. E' para os quatro grandes. O Periquito não interfere. De uma vez que ele o fez e deu um trambolhão e rachou a cabeça e

estive de cama; desde que tal aconteceu, *Periquito* nunca mais. E' somente para os quatro grandes. E' a festa do quinto aniversário do *Desordeiro*.

Eles já tinham os selos para os recreios. Os selos e os albums. Gosto de os observar sentados na biblioteca da Casa-mãe, ocupados e interessados. Cada um tem a sua gaveta nos móveis artísticos que alguém nos ctececeu. Tem a sua chave. Tem a sua pessoa. E agora uma bicicleta e uma avenida de dez metros de largura, florida. Dantes, apanhavam pontas de cigarro no lixo, êles mesmos tidos por lixo!

Parece-me estar a ouvir de algures, a alguém, que talvez seja um perigo dar tanto a esta classe de rapazes. Pez. Não tenham medo. Eu sou uma testemunha qualificada. Eu oiço todas as pancadas do coração d'êles. Eles compreendem. Não sobem acnde lhes não compete. Exemplo: Todos se lembram da *viagem sublime*; aquele rapaz que foi ver a sua mãe, para os lados de Almada, na minha companhia. Como então se disse, ele foi recebido e pernitoiu três noites em Lisboa, em três famílias diferentes. Cada uma o recebeu segundo o seu modo de pensar; nenhuma da mesma maneira. O rapaz também tinha o seu modo de pensar, e disse-me: *Desta vez estive no meu lugar. Comi com os creados.* Das outras, tinha comido à mesa dos senhores, com os senhores. Obedeceu, sim, mas não me disse que esteve no seu lugar.

Como êste caso, muitos e muitos poderia aduzir. Eu sou testemunha.



Eu sou o Cete, assim chamado por ser natural de Cete. Andava por lá. Dizem que tenho pai e toda a gente diz que o conhece, mas ele diz que me não conhece a mim e eu andava por lá. Agora estou aqui. Estou no jornal.

Eu dantes dizia muitas mentiras e fui muitas vezes ó tribunal por causa disso. Também tenho sido rapado por outras coisas e o meu cabelo ainda está pequeno, da derradeira rapadela que levou. Mas eu cá ando a ver se me emendo. A gente não gosta de ver o senhor P.º Américo triste e êle fica muito triste quando a gente faz alguma.

Eu também costume ir vender jornal ao Porto e vendo sempre muitos e trago muitas assinaturas. Quero ver se sou capaz de me portar bem para ir vender todas as quinzenas assim como os outros rapazes. A gente vai mendar às cinco horas a uma leitaria. E' o Júlio que nos ajunta todos na Praça àquela hora e vamos todos juntinhos à leitaria. E' uma caneca de leite e um bolo a cada um. Quando o senhor P.º Américo calha de estar no Porto, também vai a mais nós. Eu tenho muitos selos, mas quem tem mais gôsto por eles e quem tem mais do que nenhum de nós é o Avelino. A gente chama-lhe o senhor doutor por ser ele quem sabe mais das coisas do jornal. Ele é que manda aqui.

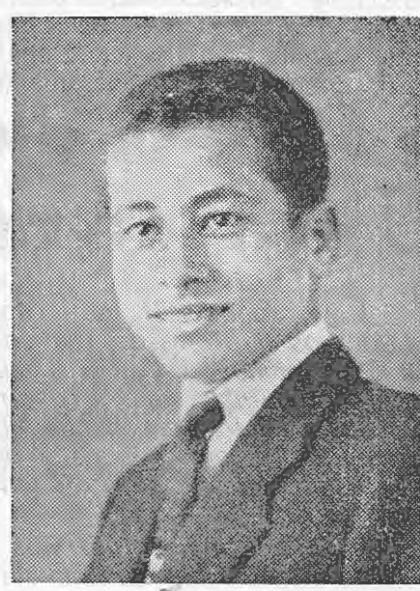


Eu sou o Avelino. Sou natural de Coimbra aonde perdi os meus pais e fui para a Casa de Miranda quando era pequenino. O meu primeiro serviço foi na dispensa, mas eu era muito lambareiro e passei para a rouparia, depois para o refeitório, depois para os quartos dos senhores. O senhor Padre Américo arranjou-me para uma família de ao pé do Porto, quando a gente não tinha ainda casa no Porto. Depois passei para a nossa casa e empreguei-me num escritório. Ali fiz tolice e o senhor Padre Américo tirou-me e levou-me por castigo para Paço de Sousa, aonde dei cal aos pedreiros durante um mês. Tornei a ir para o mesmo emprêgo e tornei a fazer tolice. Eram as lojas aonde se vendem os pasteis. Eu comprava com gorjetas e comia e ia para casa e não comia nada à mesa. O senhor Padre Américo aborreceu-se comigo e tirou-me duma vez para sempre. Agora sou do Gaiato. Sou o chefe de redacção. Os outros chamam-me o senhor doutor, a ver se eu deu sorte, mas eu cá não faço caso. Sou eu que vou sempre ao Porto aviar negócios do jornal. Quando chego a casa, o senhor Padre Américo cheira-me a bôca, a ver se cheira a pasteis, mas eu agora estou melhor. Desde aquela vez, nunca mais tornei a ser rapado e espero ir até ao fim.



Eu sou o Carlos. Eu vim para a casa de Miranda, aonde estive poucos dias, e de lá é que passei para aqui. Eu nasci em Almada e por lá andei a pedir até que me mandaram para a minha avó, em Tábua. Ali fiz exame em casa da senhora professora, que pediu ao Pai Américo para tomar conta de mim. Eu já andei a trabalhar numa padaria no Porto e de lá fui para Coimbra, mas o médico disse que eu tinha de ser retirado do trabalho. Agora já estou melhor e trabalho no jornal a fazer cintas. Tenho muita pena de não jogar a bola, quando vejo todos os meus companheiros a jogar a bola. Eu cá nunca fui rapado e bem espero de o não ser nunca. Também tenho selos e um album. Gosto muito de ler «Mosquitos». Agora temos muitos jogos que os senhores nos mandam. Eu fui o que foi ver a Mãe para lá de Lisboa. Logo que possa trabalhar, quero ganhar dinheiro num emprêgo, a ver se a tiro de onde ela mora para uma casa melhorzinha.

O nosso escritório é mesmo pegado à loja do Periquito e ele vem para aqui armar-se e se a gente o acusa ele corta-nos o cabelo mal, de propósito. Eu faço 17 anos no mês de Abril. Se alguém quiser sober é no dia onze.



Eu sou o Alfredo. Eu sou o cronista da nossa aldeia. Vou tomando conta dia a dia das coisas que acontecem e ó depois passo tudo para a crónica. Às vezes o Cete ajuda-me e junta as coisas dele às minhas, mas vai tudo como se fôsse só eu.

Eu estou cá desde o princípio da casa de Paço de Sousa. Quando cá cheguei só havia 13 rapazes. Fui logo trabalhar para o campo e lá andei muito tempo até que o Pai Américo disse que eu que era muito doente e mudou-me de obrigação. Fui para a rouparia. Tenho ido muitas vezes ao Porto ao Raio X. O Pai Américo anda sempre a pôr-me a mão na testa a ver se eu tenho febre e quere que eu coma para a frente e tem medo de mim, mas há-de ser o que Deus quiser. Agora sou do jornal. Ando sempre cheio de medo por causa do meu cabelo. Quando êle está grande é muito bonito e cheio de caracões mas tenho sido rapado por minha culpa. Ainda há pouco tempo assim aconteceu. Hei-de ver se não torna a acontecer. Eu nunca vou ao Porto nem tenho saudades e mais sou de lá. Não quero lá ir por causa dos moinas que dantes andavam comigo. Já fiz a quarta classe mas como sou fraco não sou dos que vão para o Porto empregar-se. Emprego-me aqui. Aqui em casa os rapazes que tem trabalho de responsabilidade, é como que sejam empregados e recebem ordenados todas as quinzenas.

De como eu fui por aí abaixo de penar

O sítio previamente marcado, era a Igreja de S. Sebastião da Pedreira, mas o certo é que os senhores mai-las senhoras iam largando penas nas ruas, nos comboios e por onde quer que eu passava. Davam penas e ficavam mais quentinhos!

O comboio chegou à tabela. Padre Adriano estava. Fomos almoçar ao sítio do costume. Durante a refeição, falou-se da Mitra, isto é, do Albergue da Polícia, e ali mesmo concertamos uma visita. E' para os lados de Xabregas. Claro está que ninguém aprova a mistura de idades, de sexos, de doenças, de aleijões,—ninguém. A própria lei que criou a instituição, é contra. O Albergue é, por natureza, um sítio aonde se recebe a pessoa e se coloca, consoante as condições d'ela. Mas como as circunstâncias não permitem, por agora, cumprir a vontade do Fundador, eu digo: eu *tenho necessidade* de comunicar aos leitores a minha alegria por tudo quanto ali observei. Ninguém faz melhor. Não se pode fazer melhor. O asseio, o asseio, o asseio. As escolas. As oficinas. As enfermarias. A cozinha. Tudo no seu lugar. Tudo a trabalhar. Anda ali Dêdo. Anda ali um grande Dêdo. Tão pouco falta a unção religiosa na capela e no correr dos espaçosas e numerosas camaratas. Cristo Jesus é ali conhecido. Mais de mil pessoas, recebem ali amparo cristão. Que todos o saibam e se alegrem, assim como eu me alegrei.

A's tantas, estava nos Ministérios. Tenho-me feito ali velho, mas desta feita calhou bem. Foi no das Obras Públicas. Uma palavra muito pequenina: *Tome lá 300 contos e vá-se embora*. Como trazemos obras no Tojal, em Miranda e em Paço de Sousa, dividi o bôto em três quinhões. Autonomia. Que os meus dois Padres se governem com cem contos cada um, assim como eu faço ao meu lote. Que procurem o que falta. Nós não devemos pedir nem esperar tudo do Estado. Eles que vão ós senhores. O's senhores poderosos e fabulosos. Exorquir, não. Prêgar o verdadeiro uso das riquezas. Prêgar a Outra Vida. A parábola do pobre Lázaro e do rico avarento. Nós somos os missionários do Além. Se nós não fazemos e não dizemos, em quem se há-de fiar o mundo?!

Do Ministério dirigi-me ao Tojal, dar a notícia agradável ao Padre Adriano. *Olha, cem continhos livres do selo branco da Urbanização et coetera. Trabalha*. Ele assim faz. Neste momento, andamos com a condução da água de dois mil metros de distância, que se perdera com



Uma carta

Hoje, sábado 21, na lição de moral falou-nos a professora na vossa casa e nos rapazinhos que aí se recolhem e educam.

Ensinou-nos como vós rapazinhos, lavais a vossa casa, tendes tudo limpo e arranjado e como gostais de aprender, de trabalhar e de ser bons ajudando-vos uns aos outros.

Pedi-nos para fazermos uma boa acção e ajudarmos também um bocadinho nessa obra. Mas como? Explicou-nos. Foi uma alegria. Todas aceitámos. Como somos pobres e filhas de operárias resolvemos assinar o vosso jornal.

Quanto é a assinatura por mês? Se for pouco a Caixa terá 2 assinaturas—se não... só uma. A professora quer assinar o vosso jornal. Respondei breve, para dizermos mais alguma coisa. Porque não escreveis aos professores das escolas de rapazes para que eles vos ajudem assinando o vosso jornal para a Caixa Escolar?

Talvez desse resultado... experimental!

Com as nossas saudações aos vossos directores e com «um viva» sincero para todos os gaiatos que aí estão e os nossos votos para que aproveiteis os bons exemplos e bons conselhos que vos dão.

E' da escola de Penamaior de Paços de Ferreira. Ficou arquivada no livro de correspondência com o numero 13. Não sei o que disseram os outros doze, nem a quem. Esta, a numero treze, sabemos nós do que trata e a quem se dirige; é uma carta aberta, a pedir aos homens que amem a creança!

o andar dos tempos. Vem em canos de luzalite. Ao mesmo tempo, prosseguem as obras de adaptação do palácio. Veem chegando vadiositos. Dentro em breve sobe o número a grande altura.

O Osvaldo, veio-me esperar à camionete, e encheu-me os ouvidos nos cinco minutos do percurso. Era da abundância do coração que ele falava. Colocava-se à minha frente a dançar e a dizer: — *Aqui tudo gosta de mim*.

Assim sim. Assim é que está certo. Estas creanças proclamam a verdade e este jornal, que é nem mais nem menos que a sua voz, proclama a Verdade. A civilização consiste no grito d'esta creança, o pequenino Osvaldo de Coimbra: — *Tudo gosta de mim*. Nós somos uma obra de civilização cristã.

Ao chegar a casa, topo um mais pequenino. Mal me vê, pergunta se eu é que sou o P.º Américo, e ao ouvir o sim, responde muito contente: *Então é cá de casa*. E não mais me largou naquela tarde. Também eu posso dizer com verdade—*aqui tudo gosta de mim*. E' a comunicação do amor.

Vem agora o peditório na igreja de S. Sebastião da Pedreira. Na opinião do P.º Adriano, baseada, creio eu, em opiniões d'outros, este peditório havia de ser o maior: Avenidas. Elites. Gente rica. Assim me dissera êle no dia anterior, quando eu estava no Tojal, e o ouvi dizer à nossa costureira que preparasse a encomenda das chitas para cobertas e cortinas. Mais panos para lençóis. Mais toalhas de rôsto. Mais panos de cozinha. *Ande lá. Escreva. Temos amanhã o peditório na Pedreira. Trinta contos*. Enganou-se. Enganou-se em vinte e três contos. Eu é que me não enganei. Palácios, Elites, Ricos e Ricas — Nada!

NOTA DA QUINZENA

Recebemos aqui um rôr de cartas durante o ano, sobre a função social da Obra da Rua. Quase todas vem a dizer que sim, mas de onde em quando, aparece uma a dizer que não. Era assim a derradeira. Que não. Que não pode vingar a Obra. *V. não se faz rodear de especialistas*.

E' a técnica. Na verdade assim é. As empresas requerem os seus técnicos. Os especialistas são necessários e marcam presença nos Bancos, Minas, Indústrias, Comércio, Navegação—tudo quanto diz respeito ao alongamento do reino do mundo. Até nas grandes conferências internacionais a que andamos agora afeitos, também a essas, pelo que dizem as gazetas, assistem peritos, cada um na sua especialidade. E' a técnica.

Porém, quando se trata de obras desta natureza, não é assim. Não há especialistas. Onde está o sábio? Onde o doutor? Que é do investigador? Estas perguntas são do Apóstolo, aos sábios do seu tempo. Outro hemisfério. Outra técnica. *O que é insensato segundo o mundo, escolhe Deus para confundir os sábios. O que é vil e fraco e desprezível, escolhe Deus para destruir as coisas que são grandes*.

Eis aqui o sábio. Eis aqui o especialista. Já temos alguns na obra e outros hão-de vir, a seu tempo. O mundo é que os não compreende. Quere-os à sua imagem e semelhança. Não pode ser. E' necessário a loucura. Tem de enlouquecer quem entrar pela porta das obras onde se vive e pratica o Evangelho. E' preciso que esses especialistas se gloriem no Senhor, e jamais nos seus conhecimentos. Se assim não acontecer eles incham, incham, incham e adeus obra.

Do que nós necessitamos

Mais dois cobertores de Beiriz, mais de Castelo Branco *roupas para o príncipe*, mais do Porto sapatilhas, mais de Lisboa roupas, mais o mesmo de Leiria, mais idem de Lisboa, mais outra vez de Lisboa. Mais roupas para o *seu príncipe* deixados pelo *meu príncipe*.

Chegado de fóra, entregaram-me um cartão que um visitante deixou, aonde se lê: *Lembrar no jornal ao assinante Dr. Joaquim Belo, de Valença, o calçado de refugio que tem na fabrica*.

Eu cá estou a lembrar.

Mais brinquedos para os Batatas, de S. João da Madeira. Mais uma peça de riscado no Deposito. Jogos. Temos recebido jogos de toda a variedade. As casas de Miranda e do Tojal também.

Mais 10 pares de sapatos, refugio, da Atlas. Um verdadeiro luxo para os nossos rapazes. Com vista ao senhor Dr. Joaquim Belo de Valença. Não deixe sem uso, ao abandono, as coisas que para nós ou outros nas nossas condições, tem magnifica oportunidade. De Algés, sim. Recebi e cumpri. Mais de Lisboa 2 pares de botas, *para calçar 4 pés dos muitos que aí tem*. Pois temos, sim. Temos 320 pés. Mais, na caixa das *alminhas*, alem de moedas e moedas e moedas, um envelope pequenino, mas recheado. Estou admirado! Dos visitantes, nem bem nem mal. Cada um dá consoante a sua devoção e acabou-se. Contudo, não me quero furtar ao dia d'ontem. *O Bucha*, muito triste por ter tido pouco que me entregar, entra, aos pinchos, pela porta do meu escritório, ao cair da tarde, com uma nota de mil escudos. *Ganhei um conto! O Bucha* conhece já as notas.

Estes visitantes, desconhecidos e modestos, vieram a pé. Ao menos, assim entraram na aldeia. Se deixaram o carro algures, não o sei. Tinha sido dia de *espadas*, aquêle domingo de sol formoso. Um deles, deixou dez tostões a um *Batata!* Foi-se embora avenida abaixo, a reluzir,—mas não é d'oiro. Nem tudo que reluz o é. E mais nada.

Esta doutrina é certa. A história da igreja está cheia de casos. Que preparação tinha Francisco de Assis? Nenhuma. Enlouqueceu! E João Bosco? Morreu ontem, e contam-se pelas estrelas as crianças salvas na obra que ele deixou! Eu já vi no Pinheiro Manso, velhinhos e velhinhas deitados em leitos imaculadas, com travesseiras de penas. São centenas em todo o Mundo, as casas iguais àquelas. As Irmãzinhas dos Pobres são as servas dos Pobres. Não há creados, São elas e mais ninguém. Perdem a patria. Perdem a família. Perdem a vida. Quem é que fundou esta obra tão sublime? Qual a técnica. Nada. Ninguém. Uma creada de servir! Enlouqueceu e andou prá frente! Um episódio: há dias, no Porto, um súbdito de França, desamparado e envelhecido, tinha uma cama no Pinheiro Manso, sim, mas que fazer a um seu neto? Ele era duas vezes filho; como abandoná-lo? Não o abandonou. Deram o derradeiro abraço no Consulado Francês e cada um seguiu o seu caminho: Avô. Pinheiro Manso. Neto, Casa do Gaiato.

Estas coisas humanas e piedosas deviam ser levadas à Assembleia dos Grandes, como contra-veneno das técnicas e das especialidades e dos sábios do mundo. Uma vez que este periódico é lido e relido por nobres e plebeus, não quero que ele seja oráculo de deuses falsos. Ora a verdade é que apraz à sabedoria de Deus salvar os homens pela simplicidade do Evangelho, servindo-se para isso de pessoas *ediotas*. Porque, naquele tempo, *os judeus pediam milagres e os gregos ciência*, e hoje, os senhores doutores querem ver doutores nestas obras. Cuidam que são grêmios. E' a confusão de sempre.

Noticias do Lar dos ex-Pupilos

por H. F.

Vai pela casa grande delírio com a próxima partida de 14 pupilos para terras portuguesas de África. Todos eles rejubilam e o entusiasmo posto no arranjo dos documentos indispensáveis para o embarque vence todas as conseiras e contrariedades que a papelada sempre dá nestas ocasiões.

Fazem-se apertadas economias para os casamentos e respectivos enxovais, pois que quase todos eles irão casados com a companheira de lutas, alegrias e sofrimentos, que os há-de acompanhar pela vida fora — braço forte do homem nas suas fraquezas e desânimos diários, coração saudoso na sua ausência, enquanto ele, fora de casa, ganha o prémio do seu esforço e da sua vida com o suor do seu rosto.

Dos 14 só 4 é que não irão casados. Três porque ainda não encontraram repouso em «ninho» seguro e sólido; o outro porque a rapariga com quem namorava não o quis acompanhar para fora do continente. Mais uma que não soube ser verdadeira mulher em toda a acepção da palavra. Ai daquela que casar e não quiser compreender a necessária união que deve existir sempre, seja em que lugar, seja em que circunstâncias. Onde houver uma casa sem aquela mútua confiança



Notícias de Coimbra

por Carlos Inácio

O nosso Ratinho é muito medroso; há dias um dos nossos rapazes que dorme no RIC veio-nos acordar de noite dizendo-nos que andavam por aqui ladrões. Não sabemos se foi verdade se mentira, mas quando fomos revistar tudo verificamos que não estavam cá ladrões alguns.

Vamos ao que interessa:

O Ratinho ao ouvir a novidade, meteu-se debaixo da roupa o mais que pôde. E ou para ver o que ele dizia fiz barulho. E, quase a chorar disse-me:

O Inácio cala-te, porque senão os ladrões vêm cá e matam-nos.

E então eu para o fazer zangar, fui fazer barulho para a janela, quando ele me ameaça que vai fazer queixa ao Sr. Padre Manuel, mas é quando for de dia.

— Agora as nossas papas são assim repartidas:

Primeiro o servente enche o prato a cada um; depois, o que cresce é assim repartido:

Vem um com sua colher e rapa um bocado; vem outro e rapa outro bocado; e assim sucessivamente até a panela ficar toda rapada e até já sem fundo.

— O nosso batata tem dormido ora comigo, ora com o Ratinho, ora com outro, etc.

O pior é às vezes o que ele faz nas nossas camas.

— A nossa criada outro dia deu uma queda e já se sabe, andava a mancar.

Então o Ratinho começa a mancar fazendo pouco dela. Ela corria atrás dele, mas por mais que corresse nunca o podia alcançar porque estava manca.

— Ainda não recebi o dinheiro todo dos subscritores porque à uma nem sempre posso dispor tempo, e à outra quando vou receber os subscritores não estão em casa.

— Não há direito.

Todas as outras casas têm bola só menos nós. Nós também somos alguém.

Quem fizer o favor de nos mandar alguma escreva para o

Lar do Gaiato de Coimbra—Quinta do Cidral terceira cidade de Portugal.

— Apareceu a tinha a 4 dos nossos rapazes. Lá vão eles ficar como S. Pedro. Custa, custa, mas paciência. Têm que ser curados!...

— Fiz anos no dia vinte de Fevereiro mas ninguém se lembrou de mim a não ser a mana da Senhora que está a tomar conta de nós.

— Já nem um mês falta para as férias da Páscoa. Estou ansioso que chegue o dia para ir matar saudades.

— Vamos fazer uma capoeira para galinhas, patos, e o que por cá aparecer mais. Temos andado a acartar ripas, ferros, tudo quanto é preciso para construir um ninho para aves.

entre os esposos e recíproca compartição de alegrias e tristezas, está fatalmente frustrado todo o trabalho do homem na sociedade, está destruída a sublime grandeza da mulher-esposa e da mulher-mãe no lar. O sentimento da dignidade vai desaparecendo e em seu lugar fica o egoísmo com as suas trágicas consequências, que se infiltram perniciosamente na educação dos filhos.

Pois os nossos «africanistas» preparam-se para a sua grande viagem, que há-de ter lugar no próximo mês de Julho. Oxalá partam em boa hora! Que levem com eles a luta e o sofrimento — armas honestas e indispensáveis para uma vitória sólida e duradoura, e não deixem jamais apagar a chama do seu Ideal de rapazes, para quem o Trabalho é o único pergaminho de nobreza. E mediante essa assiduidade ao Trabalho, possam eles encontrar a justa e criteriosa remuneração do seu esforço, que muitos deles aqui, em Coimbra, nunca tiveram.

Os Ministérios das Colónias e da Justiça andam interessados no caso. Pelo primeiro, os Pupilos encontrarão muitas facilidades, a primeira das quais é a dispensa da afiliva «carta de chamada»; pelo segundo, são de ser atendidos quanto ao magno problema da sua situação económica.

Quando partirem, que levem com eles o bom título de filhos da Obra da Rua, mensageiros da única Verdade e duma esperança redentora.

P. S.—O Herlander foi pessoalmente à Arcada falar, expôr, pedir. Quem quiser bolotas tem de trepar! A obra é de rapazes pelos rapazes.



LAR DO PORTO

Toda a gente sabe do nosso Lar; a casa aonde vivem em família os que trabalham e ganham o seu pão. Cada um tem o seu livro de notas que está nas mãos do chefe. Este, faz entrega no fim do mês de cada um, a cada um. O rapaz entrega ao patrão. Patrão escreve e o interessado devolve ao chefe. E' livro aberto. O rapaz trás as noticias na algibeira. Pode ler francamente o que a seu respeito se diz. Houve apenas um patrão que discordou: *Que não. Que estas coisas devem ser secretas.* E' uma opinião. Eu cá, porém, tenho verdadeiro horror às coisas secretas. Espera-se que este rapaz se vigie cada vez mais, por lhe faltar a mulêta. O livro de notas constitui um apoio.

Ora muito bem. Ontem, a caminho de Lisboa, fiquei no Lar e aproveitei a hora para a leitura das notas, em comunidade. Tudo bem menos um. Um trouxe o seu livro sujo. Comentou-se o caso em família. Se o bom porte dos camaradas não acender o brio no espirito do faltoso, nada temos a esperar d'êlo. Irá para o cesto dos papeis e pronto. E' natural. Não podemos contar no mundo com um mundo de briosos. Como e aonde e em quem haviam de exercer os magnanimos as suas virtudes, se não fôsse a fraqueza de alguns,— como? A igualdade é um nome sem fundamento nas coisas.

Eu ponho as minhas mãos pecadoras em oração silenciosa e fervorosa, e adoro o nosso Deus Vivo, Creador e Conservador da Vida. Só um apresentou o livro sujo! Eles são vinte e quê. Eles eram ontem das ruas. Eles andam hoje nas ruas. Só um. Espantoso!

Não se lhe dá remedio nenhum. São eles. E' cada um d'eles que se vale dos seus proprios recursos e com eles se defende. Mais. Antes da leitura das notas, em nossa casa, tinha eu estado na dos patrões de um que houve de ser *cortado* e recolheu aos *estaleiros*... Encontra-se neste momento no Tojal. Pois os patrões esperam pelo rapaz. Não se conformam com o *corte*. Põem-no nos pincares da lua. Não teem ainda nem querem ter substituto! Mas quem é que opera estas maravilhas? Ninguém. São eles. A alma é espiritual. Vive unida, sim, mas não sujeita ao corpo. Tem forças. Tem recursos. Pode libertar-se.

Meditemos, meus senhores. Tiremos conclusões firmes e grandes destes factos pequeninos:— O homem é a verdadeira riqueza social. Não digo os braços, a mão d'obra, o rendimento material. Digo o homem espiritual. O homem do Ceu, ao qual a terra tem de fornecer o preciso, para que êle atinja o seu fim. Aqui temos a essencia da doutrina social, posta com tanta simplicidade, que não ha ninguém que a não entenda.

NOTICIAS

DE

MIRANDA

por João Carlos Freitas

No dia 7 de Fevereiro de 1948 realizou-se a festa do lugar dos Bujos ao seu padroeiro, S. Brás. Na véspera estalejaram muitos foguetes em sinal de que a festa se realizava no dia seguinte.

Logo ao amanhecer, todos os habitantes deste simpático lugar, acordaram ao som dos gaiteros.

Durante a missa os gaiteros não tocaram. A missa foi seguida a cânticos.

A' tarde os gaiteros vieram cá a casa, onde beberam algum vinho.

Tivemos ordem de andarmos cá por fora com uma condição que não interessa ir aqui expressa. Com a festa vieram cá muitas pessoas a casa com o fim de a verem. Vieram muitas pessoas à festa e também alguns lindos ranchos de várias localidades. A' noitinha acabou a festa para os de casa. Agora esperamos ansiosamente a festinha do ano que vem.

Como de costume foram a Coimbra três meninos vender o quinquenal. O Carlos, o Gil e o Barato.

Como do Lar do Porto mandaram duzentos gaiteros a menos os restantes venderam-se que foi um ar.

O Carlos em menos de uma hora sumiu quarenta jornais. Ao Gil sucedeu-lhe o mesmo e o Barato vendeu 27 deles. O Carlos Inácio de Coimbra aumentou a contagem vendendo uma boa porção deles. Tiveram alguns acréscimos.

Para a Louzã seguiu agora mesmo o Bucha e o Barato. Vamos lá ver quanto vendem.

A Miranda vão lá na terça ou quarta-feira. Deus permita que vendam todos.

Há alguns dias que o Camilo contou na camarata dele uma história de cow-boys, era a qual contava que o cow-boy Buffalo Bill tinha matado um bandido com um tiro de carabina no crâneo.

O Barrigana para se fazer esperto reproduziu logo a proeza. Eh pá!!! Buffalo Bill matou um bandido com um tiro de carabilha no crâneo.

E' muito bruto, louvado seja Deus.

No domingo passado, juntamente com o Sr. Padre Manuel, fomos à Louzã dar um passeio de combóio.

Os maiores, isto é, os que ganham, foram de bicicleta.

Merendamos numa estrada que vai para a serra. Compramos figos e vinho.

Comemos muito e ficamos muito contentes. O Sr. Padre Manuel prometeu-nos que um domingo vamos lá no combóio da manhã, ouvimos lá missa e só vamos no combóio para virmos a pé na brincadeira uns com os outros.

Recebemos há dias a tão suspirada sinta para o estômago para o nosso pobre do Montoiro.

Veio duma senhora de Coimbra a que faleceu o marido. Pedem-nos esta senhora uma prece pelo descanso da alma de seu marido. Já rezamos...

Muito obrigado.

Isto é a Casa do Gaiato



O Príncipe. O Joaquim, encontrado na estrada da Madalena, ao pé de Gaia, e chamado à vida por alguém que ali passou. Ele não é da redacção do jornal, mas os redactores gostam de o ver aqui, em efígie, assim como também, e muito mais, em corpo e alma, na redacção. Raptam-no!

O Acácio, que gozava até hoje a honra de ser o mais pequenino, já o esgadanhou na cara, de soberbo! Tudo isto é sublime; a desordem sublime da nossa aldeia. A expansão. O à vontade. A alma a falar. Foi assim: o Príncipe queria ir ver os bois e foi ter com o Acácio, para êsie lh'os mostrar. Acácio, amuado como anda, não quer ir. Não quer mesmo conversar com o seu rival. Príncipe insiste. Acácio esgadanha-lhe as faces. Pronto.

Temos pois a Obra da Rua em pleno rendimento, no dealbar do sexto ano de existência. Tudo quanto está dentro dos seus muros se aproveita: O mal, para que se transforme. O bem, para que melhore. Nós somos a ceara imensa do trigo e do joio. Temos aqui de tudo. A nossa missão é não dormir; vigiar, afligir-nos e o nosso Bom Deus faz o resto. São criaturas d'Ele, resgatadas a preço do Sangue de Jesus.

EU estava na casa-mãe, em cima, no redondo. Espreito, e vejo em baixo o Príncipe, ao lado do Fernando, muito juntinhos, a conversar. O Príncipe, mal sabe falar. Balbucia, mas o Fernando compreende tudo. Chovia. A água fizera poça à entrada da porta fundeira, e os dois pequeninos chapinavam, contentes. Nisto, o mais pequeno dêles, dá um beijo espontâneo na face do companheiro e este responde no mesmo tom. Eu estava em cima e vi.

Parece fantasia e é verdade. A Verdade. Estes dois inocentes, pregam ao mundo culpado a Bondade e o Amor. E' o nosso Bom Deus que coloca estes episódios divinos sob os meus olhos pecadores, para que eu os mastigue e dê aos leitores o gosto de os conhecer e saborear!

Apareceu no mundo a Bondade, dizia o Apóstolo aos do seu tempo, quando estavam ainda quentes as pegadas de Jesus! Apareceu e ficou. Estes dois pequeninos tirados do lixo, beijam-se mutuamente num ciclar de ternura à beira dum lago que a chuva fez! Apareceu no mundo a Bondade. Pois que o pobre mundo dos nossos tempos se deixe invadir e penetrar de Bondade!

A Senhora que nos trouxe o Príncipe, escreveu a dizer, que o derradeiro jornal onde falava dele, andou por lá de mão em mão, com lágrimas à mistura. Lágrimas, sim. Lágrimas que façam bem à alma. Lágrimas que levem à penitência, para que estes príncipes tenham o colo de suas mães.

Que torne a chorar o povo da Madalena, onde o pequenino foi achado.

Que a Bondade invada o mundo, para sermos outra vez um mundo d'homens à imagem e semelhança do Homem-Deus.

Oh forcas! Oh guilhotinas! Oh juizes! Olhai para a Cruz — e depois julgai!

Vinha hoje nos jornais, que a um tal negociante se fizera noite, algures, por ter pedido a camionete. Porque trazia dinheiro consigo, começa a ter medo. Pede dormida, apavorado. Vai ao Regedor da terra para entregar o dinheiro, mas ele não o recebe! Assim corrido de todos, esconde-se nas encruzilhadas. E' perseguido por outros homens. E' expoleado!! Isto vinha nos jornais e eu acredito. Foi prós lados de Anjéja. O Médico. A Desconfiança. A Perversidade: Feras à solta!

Chamo aqui outra vez os nossos dois

pequeninos beijando-se mutuamente, enquanto proclamam o percebido universal do Evangelho — os pequeninos mestres!

Uma carta:

Então, o nosso novo Príncipe? Ainda continua a querer não deitar-se? O Acácio ainda está zangado com ele? Como a Inocência é! Todos querem ser pequeninos... pequeninos para melhor elevar-se no Céu. Como ele hade ser engraçado! Como estará de divertir-se! E, como a «Casa» nem tudo terá, aqui lhe envio uma ardósia e um ponteiro... e para quê? Então ele não gostará de saber ler, fazer riscos de matemática e conhecer tudo o que futuras prendinhas lhe dirão. E se já agora é Príncipe ainda tão pequenino, não será depois Rei quando maior souber ler, escrever, contar, etc....

Como tudo ama a inocência, meu Deus! Como tudo ama os pequeninos, desgraçados, que são ainda os filhos de Deus. Quem dera que um raminho da inocência dos infelizes como esse, voasse e viesse poisar dentro do meu peito gelado, e dilatando-se como ar, tomasse conta do meu coração. Amen.

ERA Domingo. O Domingo é o dia do Senhor. Roupa melhor, mesa mais rica, ausência de trabalhos, mata às ordens, jogos no campo, curso livre, porta aberta. E' domingo. Subia eu a avenida e o Foscôa aparece com um pé calçado e outro descalço. Estranhei. Perguntei. Tudo muito simples. Foscôa é dos da erva. O Pernas também. Eles são muito amigos. Ora o Pernas tem sapatos e o Foscôa não. Que resolveram eles? Andar cada um com seu sapato! Foscôa explica e segue o seu caminho.

Não deu fé da beleza do acto; da nossa desordem. Disse o que tinha a dizer e caminhou. Oxalá estes dois rapazes sejam sempre assim pela vida fora.

Que emprestem sem juros. Que se ajudem. Que sejam irmãos. Eu cá detesto os juros altos e os juros dos juros e outras formas de extorquir, chamadas honestas, praticadas por homens também chamados honestos — deploro, sim.

NÓS tivemos de construir uma casa de raiz, com o propósito de remediar os humedecidos. Tem tudo quanto lhe diz respeito; tarimbas duras e chuveiro. Não temos tido nenhum caso patológico; tudo vem do nascimento desta classe de crianças. Quem souber como e onde elas nascem e como e onde crescem, facilmente compreende o estado em que as recebemos e a necessidade de construir uma casa à parte. E' racional. Até aqui, nada há que mereça o nosso espanto. A surpresa começa agora. Ei-la: O Chefe da Casa III, que tem, como os outros das outras casas, um quarto amplo só para si, resolve libertar os condenados. Vai à casa deles, escolhe dois, arma os catres no seu quarto, explica, aconselha, coloca um vaso ao pé de cada um, e durante a noite chama.

Levanta-se uma vez, duas vezes, tantas quantas necessárias ao estado de cada doente. Os primeiros dois curados, o Chefe da casa III passa-os para os dormitórios comuns e vai libertar mais dois, pelo mesmo processo. E mais dois, e mais dois a pontos da prisão ter agora mui poucos habitantes. Eu acho isto uma coisa admirável por ter nascido espontaneamente na alma do chefe. E' uma devoção amorosa para com os seus pequeninos irmãos. Amorosa e dolorosa. O rapaz sacrifica as noites. Noites de frio e ele ergue-se da cama e vai cuidar dos doentes.

A luz não pode estar escondida debaixo do alqueire, por isso a colocamos hoje nas páginas do famoso, para que ilumine e aqueça.

O Chefe foi louvado. Não que o cumprimento de um dever mereça prémio, mas para dar testemunho da minha alegria, perguntei e soube que ele desejava um fato. Já tem um fato. E os pequeninos que nunca tiveram berço nem cuidados de mãe, encontram hoje o Berço e a Mãe no peito dum rapaz que foi das ruas! Tão antipático ele me pareceu, que andou um dia inteiro na cidade do Porto atrás de mim; ele a pedir e eu a negar! Veio. Faço aqui esta declaração pública para que ele leia, conheça e me perdoe.

O Batata Nova acaba agora mesmo de ser chamado a contas, pelos seus desvarios. Ele está que nem cabe na pele, de gordo! Não admira; foge ao trabalho o mais que pode e tem sido encontrado ao pé dos pedreiros a

cantar, por borda! Canta O' meu Porto, e os trabalhadores dão-lhe do pão que trazem na saca. Como não há-de estar gordo, o Batata Nova! Se nós fossemos a deixar estes mais pequenos à vontade, teríamos na aldeia a vadiagem implantada. Como estes, há outros da mesma idade, aos quais é necessário sacudir-dos seus engenhosos esconderijos. O que não fazem eles, para fugir ao trabalho! E como podem eles vir a ser alguém, se os não obrigamos desde hoje?

A todos os sistemas de puericultura, a todos os processos infantis que a ciência recomenda, preferimos inculcar no ânimo destes mais pequenos o hábito do trabalho, sem, contudo, menos prezar tudo quanto vem nos livros.

HOJE deixaram ficar uma oferta na aldeia que nada, até hoje, a tem igualado, e mais nós temos recebido coisas mui altas e preciosas. Digo desta o que nunca disse doutras, pela alegria que ela induziu no peito do Sapo. Do João Maria da Murtosa. Do pontífice das capoeiras. Foi ele mesmo que veio ter comigo, à minha chegada de fóra, e narrou, delirante. Uma galinha choca! A suspirada galinha choca!! Agora é que eu sinto a irradiação do famoso. Por ele, chegou longe a aflição do rapaz das capoeiras. Por ele veio a galinha choca. Não há dinheiro que pague nem nome que classifique o jornal.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 Antes de nós habitarmos este palácio, quem o habitava eram os ratos, os morcegos, pássaros, etc. Nas primeiras noites que cá dormimos gostávamos de ouvir os morcegos a chiar. Mas agora estamos fartos. De vez enquanto eles vêm-se aflitos à procura da porta por onde hão-de sair. Também nos fartamos do movimento dos ratos. Ficamos danados quando vamos encontrar os bolsos ruídos. Resolvemos comprar meia dúzia de ratueiras, que têm dado muito bom resultado. Só quem tem liberdade de entrar e sair é um pisco que vem dormir em cima duma pinha dourada da nossa camarata, quando o tempo está de chuva.

2 Na sexta-feira andávamos a varrer o largo, e um dos novos «gaiatos» andava muito triste. O Octávio aproximou-se dele e perguntou-lhe:

— O' macarrão porque é que tu andas triste?

— Porque amanhã tenho de tomar banho e em minha casa não tomava. Oxalá que amanhã não seja sábado!

3 Aqui há dias andávamos a deitar um muro da igreja abaixo, levantamos uma pedra e apareceu uma mina. Dizem que é a cripta. Estava lá ainda um osso de uma perna. O Octávio viu o osso e foi a correr, dizendo a toda a gente: olha o parafuso de um morto.

4 Já cá estamos há dois meses e mais e já é a segunda vez que o Sr. Padre Américo vai falar à Emissora Nacional. Tanto gostávamos de ouvir o Pai Américo a falar mas não podemos porque não temos rádio. Vimos para aqui todos contentes por estarmos mais perto de Lisboa. Como não podemos ir por enquanto assistir aos desafios gostávamos de ouvir os relatos e o Zéquinha e a Lelé. Aqui perto só há numa taberna, mas não devemos lá ir ouvir. Aqui há dias chegaram-se dois gaiatos ao pé de mim e disseram: «O' rádio, liga para Lisboa, relata o desafio», e respondi: dá-me oito e quatro centos para a camionete, que depois conto tudo.

O Sapo agarra-me pelas mãos e arrastame à cozinha. Estava a galinha no cesto. Olhe ali. Olhe dezoito ovos. Quem deu uma coisa deu a outra; galinha e ovos.

OUTRA vez o Príncipe. Foi assim: Eu tinha catorze laranjas e resolvi distribuí-las pelos Batatas à hora do jantar, mas eles são vinte e dois. A conta estava ruim de fazer. Nisto vem o rapaz do correio com cartas e encomendas. Entre elas, noto uma de Castelo Branco, a dizer por fóra bolos e amendoãos. Pronto. Estava ali tudo. A uns laranjas, a outros bolos. Muito bem.

A' hora do jantar, entro no refeitório, quando todos estavam à mesa. Começo pelas laranjas. Passo aos bolos. Abro a caixa. Eram chouriços! E agora? Estava à bica a mesa do Príncipe e eu não tinha nada que lá pôr! Neste momento de indecisão, viram os meus olhos pecadores e humedecidos o gesto de todos quantos tinham recebido, acompanhados da palavra: Eu dou a minha laranja ó príncipe!

A verdade está aqui. O primeiro a levantar a voz e a querer dar a laranja, foi o pequenino; o Barros. E' chefe. Quer dar. O mérito da Obra da Rua não está na vida dos que lhe consagram a vida. Não está. Está, sim, no deixar crescer e desabrochar a alma dos seus filhos. Ora eis.

O', responderam eles, temos de pedir aos nossos leitores um rádio porque tu gastas muito dinheiro.

5 Vieram já cinco rapazes todos da nossa malta. O de Coruche já esteve prezo mais duma dúzia de vezes. Não sabe fazer a cama porque dormia em cima de um fardo de palha com dois sacos, um por baixo outro por cima. Ele também não sabia o que era uma mesa porque andava a pedir de porta em porta.

6 Esteve aqui no domingo o Pai Américo e levou três gaiatos para vender o jornal, que foram: eu, o Manuel Pedreiro e o Manteigas. Não me podia calhar melhor, pelo caminho não falava noutra coisa senão na caneta que ele me tinha prometido. Eu dizia: Pai Américo de-me o dinheiro para uma caneta; e ele disse: ó filho ainda ontem comprei uma maquia a metê-laa o bolso e deixei-a cair e partiu-se.

O que não diz o cronista digo eu. E' uma galinha. Uma galinha com pintinhos que já nos deram. Vi-a eu com os meus olhos, a esgravatar por entre as laranjeiras e a chamar pelos filhos. Sim Senhor. Muito agradecemos a quem nos quiz oferecer coisa tão mimosa!

Também não diz o cronista dos espadas, aos domingos. Eu estive ali um domingo e vi. Espadas e mais espadas. Lisboa é a terra deles.

Assim diga a letra com a carêta, — que às vezes não diz...!

Finalmente, tenho pena que o dito cronista, falador com é, passe em silêncio o asombroso interesse que pela Obra da Rua tem tomado a Direcção do Montepio.

Simplemente maravilhoso o que aqueles Senhores nos estão fazendo! Sobretudo assinantes. Listas de assinantes. Que nomes! Que quantias! A derradeira lista, era completa de senhores a quinhentos escudos; não a prometer, mas sim a dar. Já temos o dinheirinho.

Quanto se não deve a uns tais amigos da Obra! Como eles a compreendem!

PEDRO JOÃO